

Manifiesto Civilizacionista

Manifiesto Civilizacionista

Manifiesto Civilizacionista

Nicodemus

2026

© 2026 Nicodemus

Todos os direitos reservados.

1.^a edição — Abril de 2026

À Europa

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce."

— Fernando Pessoa

Índice

Introdução.....	1
Simbolismo.....	4
Definição de Civilização.....	6
Definição de Civilizacionismo.....	8
A Origem e Função da Moralidade.....	12
Origem Orgânica da Moral.....	12
A Variação da Moral.....	13
Os Níveis do Saber.....	13
As Várias Morais.....	14
As Forças Opostas do Bem e do Mal.....	16
As Consequências da Escolha.....	17
A Caracterização Espiritual e Natural da Europa....	19
O Espírito Europeu.....	20
Os Três Caminhos Espirituais.....	21
Propostas Práticas Identitárias e Simbólicas.....	24
Símbolos e Caracterização de Outras Civilizações	26
Porquê o Civilizacionismo?.....	33
A Dimensão Espiritual do Civilizacionismo.....	38
A Existência de Deus.....	38
O Caminho Colectivo.....	43
A Dimensão Pan-humanista do Civilizacionismo....	53
Proposta de Símbolo Pan-Humanista.....	55
I.A. e Singularidade Tecnológica.....	57
Agradecimentos.....	60

Introdução

Desde a minha mais tenra infância, desde que me lembro, sempre senti uma paixão pela identidade biocultural de que faço parte. Não o conseguia articular na altura, mas no fundo, o essencial sempre esteve presente na minha mente e na minha sensibilidade.

Reparava na aparência das pessoas à minha volta, especialmente pessoas de outras origens quando começaram a aparecer em Portugal, e nunca estive sujeito a uma cegueira moral que me impedisse de notar as diferenças físicas e psicológicas entre os grandes subgrupos humanos.

Não havia internet nem redes sociais, mas a interação com as pessoas e o que era falado, juntamente com a TV, deu-me a entender que os portugueses faziam parte de um grupo maior de povos, e reparei na identidade comum refletida numa esfera cultural com os mesmos mitos, símbolos, e estéticas, apesar das diferentes línguas.

Era algo com raízes mais profundas, mais essencial, orgânico, natural, algo que me despertava mais interesse, fascínio, 'Thumos' e identidade do que expressões mais superficiais e específicas, como a língua que falo, a história específica e os símbolos nacionais, apesar de toda a sua riqueza e valor.

Mais tarde entendi melhor o que era Isto. Entendi que era uma mistura de Espírito e Natureza, de uma Natureza que tem capacidade de integrar um certo Espírito. Hoje não acho correto, portanto, dar-lhe um nome que o relegue exclusivamente para o aspecto Natural, nem um que o faça exclusivamente para o aspecto Espiritual, entendo que o seu melhor significativo é 'Civilização Europeia' ou 'Europa'.

Qualquer pessoa com discernimento saberá que este nome pouco diz se pensarmos em geologia. Chamamos-lhe um Continente também, mas no contexto da Identidade e da pertença, todos entendem que falamos de uma entidade biocultural que precede e transcende qualquer construção política ou jurídica, e que foi, na verdade, a justificação para que existisse um Continente com o mesmo nome, que de outra forma seria apenas uma península.

A Europa está onde quer que estejam os Europeus e estará, um dia, até, fora deste planeta, se Deus quiser.

Ao longo do tempo, a paixão pela minha civilização aprofundou-se, tornou-se mais consciente e articulável. Devido às vicissitudes da minha vida, acabei por juntar a esta paixão a espiritualidade, nascida de sofrimento e de procura de sentido existencial.

Ver que ambas as coisas podem ser integradas, levou-me a uma espiritualidade tipicamente Europeia: não abandonar a envolvimento do mundo terreno, mas tentar integrar o mundano e o espiritual, pois no fundo tudo é Deus e de Deus.

Neste livro, que é também um tributo à nossa civilização, descrevo o Civilizacionismo como uma ideologia e uma espiritualidade. É a expressão de uma vontade e de um amor, além do bem e do mal, que tenta redefinir um aspecto da nossa identidade para que Ela ganhe a força e o amor próprio necessários para a continuidade num horizonte sem fim.

Simbolismo



A imagem mostra uma bandeira com um fundo vermelho escuro e uma Cruz Nimbada dourada.

O vermelho representa a Força Ativa e Transformadora que constrói e cria, uma força que caracteriza a Civilização Europeia desde o seu nascimento. A tonalidade escura representa o aspecto da Força que destrói, converte ou afasta o Mal e o Caos descontrolado.

O dourado representa a abundância material e espiritual, a ligação ao Divino e a felicidade.

O círculo representa a Europa, a Civilização Europeia como uma unidade, delimitando o interno e o externo, e contendo a cruz no seu interior. A cruz no interior do

círculo representa a interseção do Espírito (trave vertical) com a Natureza, a Substância e Energia (trave horizontal), o Logos Europeu como aspecto do Logos Universal organizando a Criação e comandando a Natureza, Substância e Energia da Civilização.

Este simbolismo remete também historicamente para a identidade Europeia, sendo a Cruz Nimbada um símbolo Europeu desde tempos imemoriais que foi ganhando diferentes significados ao longo das épocas. As cores dourado e vermelho-escuro eram também muito usadas no Império Romano, cuja fundação marcou a saída da Europa do seu berço e a sua expansão, desenvolvimento e crescimento.

Definição de Civilização

Uma Civilização é uma entidade viva, biocultural e espiritual, um organismo composto por uma grande quantidade de seres humanos unidos por uma Natureza e um Espírito enquadrados em constelações comuns de atributos.

As Civilizações desenvolvem-se e nascem não só através da evolução orgânica da população num determinado meio ambiente, mas também através de eventos históricos marcantes causados pelo Espírito colectivo das populações que as compõem.

A forma da Substância e a Cultura influenciam o Espírito, e o Espírito influencia a Cultura e a forma da Substância. Ambos os aspectos co-evoluem interagindo mutuamente e com o meio ambiente.

O atributo orgânico, a Substância (incluindo a sua forma), funciona como a raiz de uma árvore que alimenta o tronco (a Cultura), que leva a seiva para os ramos (as expressões criativas da Civilização), até à folhagem e aos frutos (o impacto que a Civilização tem no mundo externo, a aura da Civilização).

Se a folhagem for destruída ou danificada, a árvore ainda assim sobrevive e pode-se regenerar. O mesmo acontece no caso do tronco e dos ramos. No entanto, se a raiz for envenenada e morrer, a árvore morre definitivamente, deixando apenas as suas folhas e os

seus frutos no solo, que se não forem colhidos, também apodrecerão.

O atributo Espiritual é como o contexto ou a influência do mundo na árvore. É algo platônico ou sutil, mas que tem imenso poder sobre o destino da Civilização. É o que une a árvore ao seu meio ambiente – o que é feito dos frutos ela produz, como o vento afeta o seu crescimento, que humidade tem o solo, a que nutrientes tem ela acesso, etc.

Se a árvore produzir maus, poucos, ou nenhuns frutos, o ambiente dar-lhe-á pouco valor, e isso influenciará o seu destino. Se a copa der sombra, pode atrair uma boa relação com o meio. Se a árvore for estimada pelo meio e tiver a sorte de ser bem tratada por alguém que por algum evento marcante a decidiu cuidar, então o seu destino estará bem guardado.

Definição de Civilizacionismo

O Civilizacionismo é a consideração da própria Civilização como um valor intrínseco de enorme importância, auto-justificado, como resultado de tendências afectivas naturais e desenvolvidas.

Existem dois tipos de valores: os intrínsecos e os extrínsecos.

Os valores extrínsecos têm valor apenas em função daquilo que representam para outrem.

Os valores intrínsecos têm valor em si mesmos e justificam-se a si próprios.

O Ser (a consciência pura como observador silencioso) dá sempre valor intrínseco à qualidade da experiência de quem o tem em si reconhecido. O Espírito (a essência mental) e a Natureza (traços psicológicos e emocionais que compõem a Alma, e também os físicos e vitais/energéticos que compõem a Substância) podem ter valor extrínseco, intrínseco, ou não ter valor, dependendo da estrutura psicológica e afetiva de quem os contempla e avalia.

O Ser é Deus e, sem Deus, nada existe. Deus está presente dentro de nós e à nossa volta.

O Civilizacionismo vê a Civilização como um Ser (uma manifestação do Ser) e um Espírito, que resultam de um conjunto de seres humanos em interação. “O todo é mais do que a soma das partes”, porque a interação de

várias partes faz “emergir” (ou descender) algo transcendente, maior do que a soma das partes em isolamento e sem dinamismo.

Além de um Ser e um Espírito, a Civilização tem uma Natureza, também essa Natureza, que resulta do conjunto de naturezas humanas que estão na mesma constelação de atributos, é valorizada no Civilizacionismo. No Civilizacionismo procura-se desenvolver essa Natureza através de meios que não causem um distanciamento do Ser, evitando um foco excessivo ou exclusivo no elemento físico, e promovendo valores éticos e morais, bem como o aprimoramento do Espírito, que progride com a experiência acumulada por meio do corpo cultural e do corpo físico/orgânico/substancial.

Podem-se comparar os níveis de existência de uma Civilização com os de um indivíduo para melhor compreensão:

<u>Civilização</u>	<u>Indivíduo</u>
(Nível do Espírito) Ser - O Observador puro, a Vida.	(Nível do Espírito) Ser - O Observador puro, a Vida. No fundo, é um com o Ser da Civilização.

<p>(Nível do Espírito) Espírito - Os atributos essenciais e as Ideias que guiam a Civilização. Resulta do Espírito colectivo da população.</p>	<p>(Nível do Espírito) Espírito - Os atributos essenciais e as Ideias que guiam o indivíduo. Exemplos: a vontade, a sensibilidade, o intelecto e sensatez, a auto-consciência. Ideia de Deus, da Civilização, Fé, Auto-preservação.</p>
<p>(Nível da Natureza) Cultura/Alma - Emerge dos traços coletivos da população, da influência do Espírito e da Substância orgânica colectiva.</p>	<p>(Nível da Natureza) Alma - Traços que resultam da natureza inata do indivíduo, e também do seu Espírito e da Cultura onde está inserido. Exemplos: impulsivo, determinado, introvertido, extrovertido, ambicioso, alegre, excitável.</p>
<p>(Nível da Natureza) Substância - A Substância Orgânica colectiva, incluindo a sua forma e energia, influencia e é influenciada (influenciada principalmente ao longo de gerações) pelos níveis acima. Também pelo Meio Ambiente.</p>	<p>(Nível da Natureza) Substância - A Substância Orgânica individual, incluindo a sua energia, contribui para a formação da Substância Orgânica colectiva.</p>

Ao valorizar a Civilização como um todo, o Civilizacionismo também valoriza todos os indivíduos que legitimamente a compõem (e os que não fazem parte dela), porque a Civilização, de acordo com o Civilizacionismo, deve estar em alinhamento com o princípio da Harmonia, do qual emana o Amor Universal.

A Origem e Função da Moralidade

Abordamos agora a questão crucial da moral, porque esta é a fundação da ação e da escolha, tanto para os indivíduos como para as Civilizações, Nações, ou outros grupos, sendo estas escolhas que definem o sucesso ou insucesso do agente moral.

Origem Orgânica da Moral

A sensibilidade moral é inata ao Homem na sua generalidade. Este traço inato permitiu que os seres humanos formassem sociedades e cooperassem em competição com outras, levando a evolução e selecção natural para além do nível dos indivíduos até ao nível dos grupos.

Assim, os conceitos de Justiça, Compaixão, Fidelidade, Honra, etc. têm origem nas Leis da Natureza e, no final, em Deus, o criador do Universo e das suas Leis.

Aquelas sociedades que desenvolveram uma moral muito unificadora, fortalecedora, e competitiva face aos grupos externos, gozaram de um elemento de vantagem sobre as que tinham moralidades menos adaptadas.

Desta forma, espalharam-se instintos morais na Humanidade através da selecção natural, alguns dos quais, hoje em dia, em muitas sociedades, passaram a ser considerados imorais.

A Variação da Moral

Há que compreender que enquanto que os instintos humanos representam uma espécie de “moral orgânica”, natural, o Homem tem também a propriedade de ser moralmente maleável pela cultura e a sociedade à sua volta.

Um dos instintos naturais do Homem é o desejo de encaixar na sua sociedade, ser bem visto, e assim fortalecer o seu estatuto social.

Devido a este elemento moldador, a moral, o que é certo e errado, mudou ao longo da História, e varia entre sociedades, culturas, civilizações e indivíduos.

Todos podemos encontrar exemplos facilmente: o aborto, a homossexualidade, a escravatura, a pena de morte, a amputação de criminosos, a tortura, a heresia religiosa, etc., – estes são todos comportamentos que em diferentes circunstâncias históricas ou culturais tiveram ou têm julgamentos morais diferentes.

Isto leva-nos à pergunta: o Bem e o Mal, a Moral, está apenas na mente humana?

Os Níveis do Saber

O entendimento do Mundo Natural e do Homem, da sua mecânica e dinâmica, acaba por nos levar à Sabedoria ou Sensatez, que é o nível mais elevado do Saber.

Os dados que obtemos sobre o mundo, quando transcendidos pela sua integração, levam à obtenção de informação. Por sua vez, a informação integrada e transcendida leva ao conhecimento e, por fim, o conhecimento integrado e transcendido, o conhecimento sobre o conhecimento, ou o conhecimento sobre como usar o conhecimento, é a Sabedoria. Esta última é a forma de Saber mais importante, porque representa a moral na sua forma aperfeiçoada.

As Leis do Universo causam a evolução e a dinâmica de mudança de comportamento do Homem. Portanto, pode-se dizer que as regras do Universo e das relações, causam a existência de uma moral ideal, a ser descoberta através da aquisição de sabedoria, normalmente com muita experiência, e por vezes com bastante sofrimento.

As Várias Morais

Acontece que, apesar dos seres humanos serem iguais em tendências morais inatas na generalidade, nem todos o são.

Esta diferença em natureza essencial de alguns seres humanos, por vezes inata, outras vezes desenvolvida durante a infância, faz com que a Sabedoria de uns seja o erro de outros, e vice versa.

Falando em linguagem espiritual, muitas pessoas estão distantes do seu Ser, ou já se separaram dele por completo. Estas são as pessoas que não se sentem realizadas com o amor, com as relações, que não valorizam as pequenas coisas da vida, e que ambicionam o poder de forma exacerbada. Muito desproporcionalmente estão presentes em cargos de poder, como política, chefes de empresas, cargos militares, bilionários, etc., e comportam-se de forma extremamente egoísta e destrutiva.

Estas pessoas representam a Força do Mal, a Sabedoria delas assenta no seu instinto egoísta, ao contrário da Força do Bem, cuja Sabedoria assenta no instinto altruísta.

O Homem pode escolher um de dois caminhos, o que o eleva em direcção ao seu Ser, a Deus, não se focando apenas nos prazeres terrenos e alinhando-se com o Logos, ou afastar-se de Deus, em direcção à matéria, numa luta constante para obter mais e mais apenas para si, alinhando-se com o Caos.

As Forças Opostas do Bem e do Mal

O Bem e o Mal distinguem-se segundo qual dos dois Princípios Cósricos últimos servem: o Logos (Harmonia) ou o Caos.

Estes dois princípios estão presentes em muitas culturas com diferentes nomes e formas personificadas, mas no final representam o mesmo em essência.

Na Civilização Europeia o Logos representa-se na forma de Cristo, e o Caos como Satanás. No Hinduísmo o Logos é Krishna, no paganismo germânico Baldur, no Budismo a Dharma, no Helenismo Apolo ou Zeus, na Antiga Religião Egípcia Rá ou Ma'at, etc.

Aqueles que se guiam pelo amor, promovem a Harmonia, pois o amor leva ao altruísmo, à união, e à colaboração.

Aqueles que se guiam pelo medo, promovem o Caos, pois o medo leva ao egoísmo, à desunião, e à competição excessiva.

O Caos tem um propósito na Existência; é a luta e interação entre ele e a Harmonia que gera evolução, e a tensão/sofrimento causados torna ambos os tipos de seres humanos mais próximos da perfeição da sua Sabedoria.

As Consequências da Escolha

O caminho do egoísmo é especialmente duro e doloroso, porque avançar no meio do Caos, contra a corrente Cósmica, é muito mais difícil. Por outro lado é mais rápido, e alguns diriam até 'heróico', no entanto provoca destruição, e torna quem o segue vazio, longe da presença de Deus.

Com perspicácia suficiente entende-se que estado é este, e as suas implicações.

Por outro lado, o caminho do altruísmo é mais fácil, gera reações positivas do Universo, traz uma maior riqueza e profundidade de experiência, paz, felicidade, sendo que quem o segue sujeita-se à autoridade de Deus.

Este é um caminho mais seguro, e é aquele que a maior parte das pessoas tem de seguir, sob pena de grandes desgraças na vida, com as quais não têm resiliência para lidar, nem capacidade de evitar ou superar.

O caminho do egoísmo leva à subjugação a forças egoístas, um mundo extremamente hierárquico, violento, frio, hostil, e caótico.

O caminho do altruísmo, no entanto, não implica necessariamente a destruição do ego – do interesse próprio e da auto-identificação com a sua individualidade.

Se um indivíduo chegar ao ponto de dissolver o seu ego e transcender-se para um estado de não-dualidade (onde não há distinção entre nada na Existência, e se funde com tudo à sua volta), ele será altruísta, pois tudo é 'eu', mas se decidir manter a sua individualidade, (distinção psicológica entre o 'eu' e o 'outro'), também é possível ter uma personalidade com um carácter bastante altruísta, e avançar em auto-desenvolvimento preservando esta individualidade.

A Caracterização Espiritual e Natural da Europa

O aspecto cultural e orgânico/físico da Europa é um reflexo da qualidade do seu aspecto espiritual. As crenças, valores e sensibilidade do povo manifestam-se em resultados no mundo físico.

Pode-se interpretar o comportamento da Civilização Europeia como sendo um resultado da natureza orgânica do povo no seu conjunto, que resulta da evolução num determinado ambiente. No entanto, eventos históricos, decisões cruciais, indivíduos excepcionais que marcam a História, etc., são mecanismos pelos quais o Espírito também influencia a direção que toma a evolução orgânica e cultural da Civilização.

Um dos maiores destes eventos foi a chegada do Cristianismo, que se espalhou por quase todas as zonas do mundo onde viviam originalmente Europeus no sentido orgânico e, até, cultural – Europa, Norte de África e Ásia Ocidental (os dois últimos eram de facto etnicamente Europeus no tempo do Império Romano).

O Império Romano marcou a saída do berço e a expansão da Civilização Europeia, tendo ela nascido na Grécia Antiga, e sido concebida no Antigo Egipto.

Os Europeus resultam da fusão de três populações relacionadas (todas elas Cro-Magnon): os

Caçadores-Recolectores, os Agricultores do Médio Oriente, e os Indo-Europeus (antigamente chamados de Arianos). Mais tarde os Europeus formaram três clusters: Mediterrânicos, Nórdicos e Médio Orientais, estando estes três componentes presentes em praticamente todos os povos Europeus, embora em proporções diferentes.

Com o Império Romano os Europeus começaram a unificar-se mais em termos culturais e espirituais, no entanto, a expansão do Islão e o comércio massivo de escravos, descaracterizaram a Ásia Ocidental e o Norte de África em termos orgânicos, espirituais e culturais. Hoje em dia apenas uma minoria da população destas zonas é quase totalmente “Euroasiática Ocidental” (termo formal/científico).

Não é impossível, no entanto, que estas zonas do mundo voltem a tornar-se Europeias etnoculturalmente e espiritualmente.

O Espírito Europeu

A Europa manifestou historicamente o seu Espírito numa cultura muito aguerrida, ambiciosa, activa, criativa e expansiva, isto faz parte da Natureza Europeia, que é um reflexo do Espírito Europeu. Todas estas qualidades são boas, desde que sejam dirigidas num sentido positivo. Historicamente a Europa dirigiu-as por vezes num sentido, por vezes noutra, e embora tenha trazido muitos benefícios ao mundo, também causou injustiças e sofrimento.

Como vimos, a essência da moral baseia-se ou no egoísmo ou no altruísmo (onde há Ser?).

Para que a Europa tenha um caminho evolutivo bom e seguro, deve alinhar-se com o Logos, reconhecido como Cristo na Civilização Europeia.

Os Três Caminhos Espirituais

Além do alinhamento com o Logos ou com o Caos, existem três caminhos espirituais, podendo todos eles estar de acordo com o Logos e a Lei do Amor:

O Caminho Universal – este é o caminho da auto-transcendência. Aqui o ego é transcendido, e o buscador identifica-se com todo o Universo num estado de não-dualidade (sem distinção entre o ‘eu’ e o ‘outro’). Este caminho tem, simbolicamente, o deus Apolo como patrono, que representa a união de “muitos num só”.

A realização neste caminho chama-se Henose.

O símbolo deste caminho na cultura Europeia é a Harpa de Apolo, que representa a Harmonia e a Ordem Cósmica.

O Caminho Individual – neste caminho o indivíduo aprofunda o processo de individuação (distinção entre o ‘eu’ e o ‘outro’), e procura evoluir e desenvolver-se respeitando a harmonia do Cosmos.

Este caminho tem, simbolicamente, o deus Dionísio como patrono, que representa a expressão do “Um em muitos”.

A realização neste caminho chama-se Apoteose.

O símbolo deste caminho na cultura Europeia é o Tirso de Dionísio, pois a haste representa a ascensão do nível terreno ao divino, e a pinha, quando abre bruscamente, liberta inúmeras sementes.

O Caminho Colectivo – aqui o ego é transcendido, mas o buscador une-se e identifica-se não com todo o Universo, e sim com uma parte dele, com um grupo, uma nação, ou uma Civilização, que evolui e se desenvolve em harmonia com o Universo.

Este caminho tem, simbolicamente, a deusa Hestiatena Polias como patrona (representada com uma lança na mão esquerda e uma chama na mão direita), uma forma-deus resultante da fusão das deusas Atena Polias e Héstia, sendo que Héstia representa a união interna, e Atena Políade a individuação e a força protetora externa. Juntas representam a expressão do “Um em nós”.

A realização neste caminho chama-se Daemonose.

O símbolo deste caminho na cultura Europeia é a Chama da Lareira de Héstia, que representa o local onde se unem as pessoas do mesmo lar, rodeada por um círculo com a Lança de Atena Polias apontada nas oito direcções como forma de protecção.

No contexto do Civilizacionismo, propõe-se o Terceiro Caminho como forma de desenvolvimento espiritual, uma escolha baseada na valorização e amor ao próprio povo, definido na extensão e nível de identidade mais proeminente e relevante hoje em dia: a Civilização.

A Civilização Europeia pode ser personificada na forma da deusa Europa, que pode ser vista como esposa de Cristo, simbolizando a união da Natureza da Civilização Europeia com o Espírito do Amor – a Harmonia e o Logos Universal.

Para concretizar esta transformação alquímica no espírito e na alma dos buscadores, existem vários métodos que fazem parte da tradição mágica e mística Ocidental – chamada de Hermetismo, a Ciência Hermética.

Propostas Práticas Identitárias e Simbólicas

Cada grupo etnocultural pertencente à Civilização Europeia, com a mesma língua, ascendência, tradições, e identidade comum, (uma nação propriamente dita), pode ser representado numa forma personificada, uma entidade alinhada com Europa e com Cristo, ao serviço da Civilização Europeia e do Logos Universal.

Como por exemplo o Anjo de Portugal, ou Anjo Custódio, que pode ser visto como o povo português-galego personificado e unido à Europa e a Cristo.

Além de entidades que representam povos, podem haver outras que representam aspectos da Civilização Europeia, como a Coragem, a Honra, ou o Amor (por exemplo Eros), ou o Amor Sensual (Afrodite).

O surgimento do Império Romano foi provavelmente o momento mais marcante da Civilização Europeia. Com ele os Europeus começaram a unificar-se, a expandir-se e a desenvolver um grande poder e nível de desenvolvimento conjunto. Como tal, símbolos romanos são especialmente importantes.

O Latim foi usado como língua veicular na Europa durante muitos séculos, e tem uma importância simbólica e identitária enorme para a Civilização Europeia. Propõe-se, assim, a reutilização do Latim

Clássico como língua Europeia. Cada povo teria a sua língua própria, mas todos os povos Europeus teriam também como segunda língua o Latim.

Quanto à tradição espiritual Europeia, o Cristianismo teve um enorme impacto e influência, mas os métodos esotéricos para evolução espiritual baseiam-se na tradição do Hermetismo, a Ciência Hermética.

Propõe-se como tradição espiritual e religiosa uma combinação de elementos do Cristianismo, dos paganismos Europeus, e dos métodos e símbolos da Tradição Hermética. A Ciência Hermética serve como esqueleto tecnológico-espiritual e estético, ao qual se juntam a verdadeira ética e verdadeiros valores Cristãos, e a simbologia pagã.

Voltando à simbologia romana, 21 de Abril pode considerar-se o Dia da Europa, porque se considera tradicionalmente que foi neste dia que Roma foi fundada.

A Águia é um importante símbolo Europeu. Representa o poder celestial. A Águia Bicéfala representa poder político e religioso/espiritual.

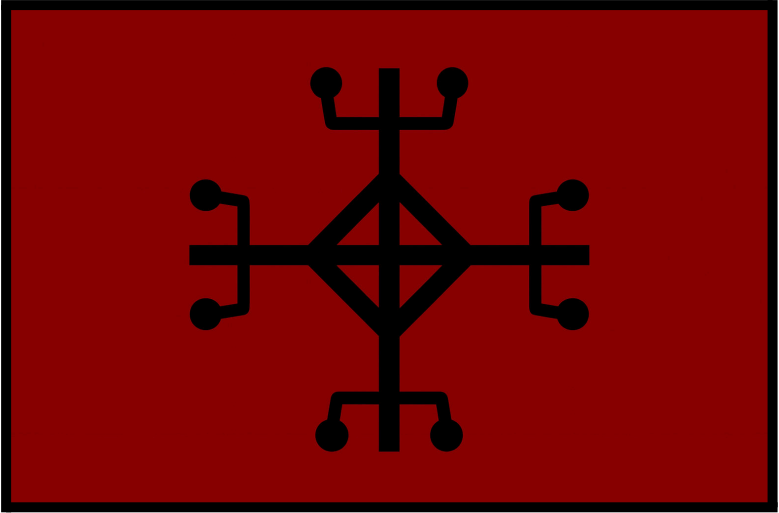
A bandeira da Europa e o seu simbolismo estão descritos no Capítulo “Simbolismo”, após a Introdução.

Símbolos e Caracterização de Outras Civilizações

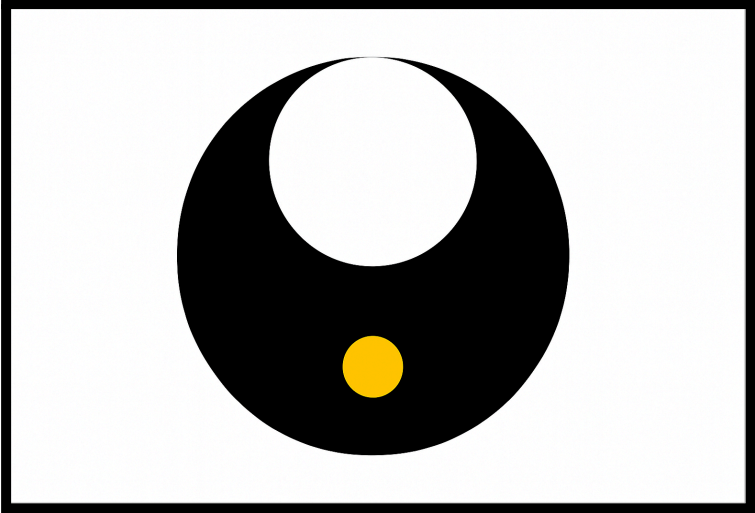
Este livro foca-se principalmente na descrição da Civilização Europeia/Ocidental, mas todas as outras podem também usar o Civilizacionismo como ideologia e espiritualidade em seu benefício.

Nas tabelas seguintes descrevem-se possíveis símbolos, estética, formas identitárias e delineação de três Civilizações.

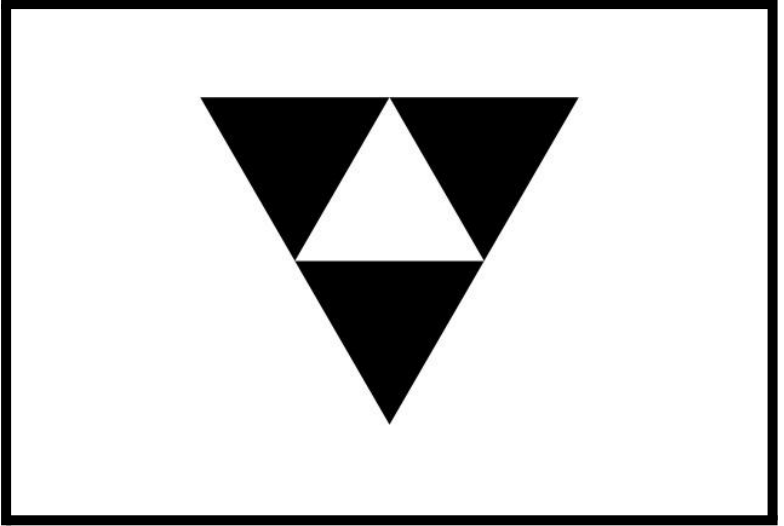
<u>Europa</u>	
Personificação	Deusa Europa – mulher jovem, cabelos loiro-linho, olhos azuis, aparência angelical, vestida no estilo da Grécia Antiga.
Corpo Orgânico	Necessariamente totalmente, ou quase totalmente, “Euroasiáticos Ocidentais”.
Língua Veicular	Latim Clássico.
Alfabeto	Alfabeto Latino.
Bandeira	Cruz Nimbada dourada sobre um fundo vermelho-escuro.
Forma do Logos	Cristo.
Simbologia Espiritual	Integração de Cristianismo, Hermetismo e Paganismos Ocidentais.



África	
Personificação	Deusa África – mulher negra, vestida com trajes tradicionais africanos, vista como a mãe de todos os Africanos em Natureza e Espírito.
Corpo Orgânico	Bantus e povos relacionados. Exclusão de Khoisans, populações do Corno de África, Madagáscar, Pigmeus, e populações ou indivíduos com significativa introgressão não-subsariana.
Língua Veicular	Suaíli.
Alfabeto	N'ko adaptado.
Bandeira	Crocodilos Siameses a negro sobre um fundo vermelho, simbolizando a necessidade de união de todos os Africanos (Bantus e povos relacionados), a sua cor, a cor do sangue, força e vida comuns.
Forma do Logos	Deusa África.
Simbologia Espiritual	Vodun.



Ásia	
Personificação	Huangdi – ‘O Imperador Amarelo’, considerado o fundador da Civilização Chinesa, sendo ela a origem da Civilização Oriental como um todo. Também é visto como o antepassado dos chineses.
Corpo Orgânico	Completamente ou quase totalmente “Euroasiáticos Orientais”.
Língua Veicular	Mandarim Clássico (Wényánwén).
Alfabeto	Hànzì, sistema logográfico em vez de verdadeiro alfabeto.
Bandeira	Duas forças de natureza Yin a envolver um Yang representado de cor amarela – simboliza a Civilização Oriental/Asiática, estável e resistente perante o exterior.
Forma do Logos	Imperador Amarelo.
Simbologia Espiritual	Baseada no Taoísmo.



Porquê o Civilizacionismo?

Foi referida anteriormente, no Capítulo “Definição de Civilizacionismo”, a dicotomia de valores intrínsecos vs. valores extrínsecos.

A valorização da própria Civilização pode ter por base não um motivo ulterior ou outro valor, mas sim a pura sensibilidade inata do indivíduo perante o que lhe é familiar: as pessoas a quem ele visceralmente se liga por motivos instintivos, biológicos e de percepção, as pessoas a quem ele se assemelha. Ao mesmo tempo, também é valorizada a generalidade das expressões estéticas, culturais e identitárias que provêm daqueles com quem ele se identifica, com quem partilha a mesma origem e os mesmos antepassados.

A consciência de uma origem comum, manifestada também pela aparência imediatamente perceptível, é importantíssima para a definição da própria identidade, no sentimento de pertença, e na formação de vínculos profundos com os outros indivíduos.

Este instinto natural nasce das Leis Universais responsáveis pela evolução biológica: semelhanças visíveis, sejam elas psicológicas ou físicas, indiciam mais genética partilhada, e sendo a seleção genética o motor da evolução, ao dar preferência ao semelhante, está-se também a promover os próprios genes. É, portanto, compreensível cientificamente o porquê de se dar preferência a si mesmo, aos próprios filhos, à família, ao seu povo, e a tendência para a escolha de

um companheiro ou companheira com quem se tem muito em comum (quando se tem a possibilidade de um grande leque de escolhas).

Assim, surge naturalmente o valor intrínseco da própria Civilização, um conjunto de pessoas naturalmente relacionadas. É análogo ao sentimento de pertença à família, mas muito mais alargado. A família é um valor intrínseco, assim como a nação e a Civilização, o mesmo vale para a Humanidade – a vida humana e a Humanidade no seu conjunto, são também normalmente vistas como um valores intrínsecos.

A justificação para a valorização da Civilização é, então, resumidamente, a nossa natureza inata: da mesma forma que valorizamos a nossa própria vida sem justificação adicional a não ser o nosso instinto e sensibilidade, também dessa forma valorizamos a nossa Civilização.

Muitos políticos defendem a existência da Civilização ou nação, mas não afirmando-as como valores intrínsecos, fazendo delas apenas valores extrínsecos, por exemplo, pelo desenvolvimento económico, pelo o estado social, pelo controlo da densidade populacional, etc.

Todos estes valores são utilitaristas, e servem o propósito de trazer bem-estar material à população, o que também é um valor intrínseco. Ainda assim, é diferente do valor intrínseco da Civilização, que é transcendente - está acima do indivíduo, do prazer, e conforto, e é selectivo identitariamente.

Muitos, hoje em dia, apenas expressam motivação pelo bem-estar material, e portanto é compreensível esta abordagem estratégica.

Considerar a própria Civilização como um valor essencial, especialmente explicitando o seu aspecto orgânico é, no Ocidente, um tabu. Aqui há um conflito entre o instinto natural dos Europeus, e a imposição de um sistema moral mal-adaptativo após a catástrofe da Segunda Guerra Mundial, e a Revolução Cultural de Maio de 1968.

O instinto identitário ou tribal dos Europeus foi empurrado para a sombra do inconsciente, mas está agora de novo a voltar à luz da consciência, devido à reacção a políticas ‘woke’ ou etnomasoquistas, à imigração em massa, à substituição populacional, ao conflito social, e à ameaça existencial, agora inegável e bem visível, para a Civilização Europeia.

“Nem só de pão vive o homem”, e agora os Europeus já não se contentam apenas com “pão e circo” – o Homem Europeu está em busca, acima de tudo, de um propósito existencial e de valores transcendentais.

O Civilizacionismo leva o valor da Civilização a um patamar muito elevado, culminando no extremo de ganhar uma dimensão espiritual. Esta dimensão tem o potencial de formar para a Civilização um escudo de propósito existencial, e um bem-estar social, emocional e material, que de outra forma seriam impossíveis.

Um universalismo absoluto e indiscriminado enfraqueceria a união e estes factores positivos, porque

a união e a cooperação fazem-se em função da competição e da existência do outro como elementos motivadores. Sem nada a opor-se, não haveria razão para unir-se – a evolução resulta também da tensão da luta: sem um pouco de caos, a criatividade e o progresso não poderiam florescer.

Trata-se de caos controlado, subjugado ao Logos Universal – a competição deve formular-se de forma positiva, não destrutiva, mas transformadora e elevadora.

Além de tudo isto, portanto, há um outro motivo benéfico em termos intrínsecos que dá também valor extrínseco ao Civilizacionismo: o progresso em poder, conhecimento, sabedoria e desenvolvimento para todas as civilizações, povos, indivíduos e para a Humanidade. A competição, e a diferenciação da Humanidade em vários ramos em termos de natureza e cultura, em termos civilizacionais, faz com que possa surgir uma muito maior diversidade criativa do que aconteceria num mundo homogeneizado.

Além do mais, o nível identitário da Civilização permite a manifestação criativa de obras e feitos em grande escala, difíceis de conseguir com grupos menores.

Deus criou o Universo com imensa diversidade, valorizando-a, e este impulso está também presente no Homem, e expressa-se na valorização de patrimónios de vários tipos, elementos únicos no mundo – espécies animais, línguas, tradições históricas, monumentos antigos, textos históricos, obras de arte, etc.

Sociedades homogéneas nos níveis de nação e Civilização, não só são mais harmoniosas e unidas devido à preferência inata dos indivíduos por quem lhes é mais semelhante, mas também são essenciais para manter vivos, reconhecíveis e caracterizados os superorganismos nacionais e civilizacionais.

Deixando para trás a obsessão neurótica do Ocidente contra à celebração da própria identidade biocultural, abre-se a porta para a valorização intrínseca e extrínseca da Civilização, e ao desenvolvimento de uma nova espiritualidade que procede de um amor profundo, inato e consciente à Europa.

A Dimensão Espiritual do Civilizacionismo

Na base de qualquer tipo de espiritualidade, está o conceito de Deus.

Este conceito pode ser diferente nos vários tipos de espiritualidade, mas está universalmente presente, independentemente do nome ou delimitação que ele tenha, inclusive na espiritualidade daqueles que seguem um caminho de evolução egoísta e destrutivo – há sempre um Valor Base na existência, nem que seja o próprio indivíduo.

No Civilizacionismo Deus é visto como a entidade mais elevada na Existência, criador de tudo, com as quatro qualidades essenciais da Onnipotência, Omnisenciência, Omnisciência e Onnipresença. Deus é, portanto, Tudo como um Todo.

A Existência de Deus

Sendo a base da espiritualidade, e pretendendo-se descrever uma dimensão espiritual para o Civilizacionismo, importa demonstrar filosoficamente a existência de Deus.

Definiu-se Deus como ‘Tudo como um Todo’, portanto é impossível que exista algo que não seja Deus.

O Universo é Deus, mas existe também além dele, pois o Universo teve um início (Big Bang). O que quer que

tenha originado o Universo, tem obrigatoriamente que ser superior a ele, pois é fácil contemplar que nada na Existência pode ser superior à sua Origem Completa. Assim, Deus está além de tudo o que conhecemos no mundo, não é um ser pessoal, antropomórfico, ou com características limitadas, muito menos um mecanismo cego que surgiu de nada – ele é superior a tudo, é ilógico defender que a base da realidade é inferior a ela ou ao que ela contém, seria o mesmo que retirar cinco unidades positivas de quatro, em vez de uma, duas, três ou quatro.

Demonstrando que a Existência é infinita, demonstra-se também que Deus é infinito – uma das qualidades que podemos depreender sobre Deus.

Há dois tipos de infinitos: os infinitos relativos e o Infinito Absoluto. Fazendo uma analogia, se os Números Naturais fossem o Infinito Absoluto, os Números Pares, os Números ímpares, os Múltiplos de Três, etc., seriam infinitos relativos.

O Infinito Absoluto é o conjunto de absolutamente todos os infinitos, é Deus.

Há, no entanto, uma diferença entre conceitos abstratos e realidades físicas ou realidades de outros níveis.

Sabemos que o nosso Universo existe, pois podemos percebê-lo, isso leva-nos à conclusão de que a Existência é Absolutamente Infinita, é infinita em absolutamente todas as direções, porque se algo finito ou relativamente infinito existe, algo maior tem que o conter e, dessa forma, na Existência não existe, no

fundo, absolutamente nenhum limite, seja no nível físico, abstrato, ou em outro qualquer nível.

Isto significa que tudo o que possamos imaginar, e também tudo o que não possamos imaginar, existe algures na Existência, pois sendo ela Absolutamente Infinita, ela terá que ser preenchida com Infinita Diversidade.

É possível verificar que existem realidades que não conseguimos conceber.

Da mesma forma que uma pessoa cega de nascença não consegue desenvolver o conceito experiencial de cor, também a generalidade das pessoas não consegue desenvolver o conceito experiencial de um hiperespaço de quatro dimensões. No entanto, por extrapolação matemática, pudemos saber dessa possibilidade, e em casos muito raros, houve quem conseguisse conceber experiencialmente o hiperespaço, através da visualização repetida de objetos tetradimensionais simulados em computador, como por exemplo o hipercubo.

Tal como uma rede neural sem treino, a mente humana, sem experiência, não desenvolveria qualquer estrutura de realidade.

Além disso, Kurt Gödel, em 1931, provou matematicamente que a matemática não pode descrever completamente toda a realidade, através dos seus Teoremas da Incompletude.

Apesar das limitações naturais humanas quanto ao que pode ser concebido, experiencialmente ou não, é

possível que algumas formas de loucura representem uma expressão da exploração de possibilidades reais existentes fora da estrutura ontológica deste Universo.

Para conhecer Deus na sua forma mais elevada e cognoscível para o Homem, é necessário procurar, de entre tudo o que possamos conceber, aquilo que de mais essencial, mais elevado, existe.

Chegamos assim à conclusão de que existem dois aspectos básicos que caracterizam Deus na medida do que é normalmente cognoscível: a Consciência Pura (o Quinto Elemento da Quintessência) e a Criação (os Quatro Elementos mencionados anteriormente da Omnipotência – toda a acção, Omnisenciência – toda a sensibilidade, Omnisciência – todo o saber, e Omnipresença – toda a criação).

Estas são as entidades mais elevadas cognoscíveis – em qualquer momento ambas estão presentes, em qualquer momento existente há sempre O Observador Puro, imóvel, por detrás de toda a percepção, que testemunha O Observado Dinâmico, de toda a natureza, seja ela abstrata, física, ou outra. O Deus cognoscível ao Homem “criou-o à sua imagem e semelhança”, a diferença é que Deus é Absolutamente Infinito, enquanto que o Homem é finito.

A Lei da Originação Dependente (Budismo), ou a correspondente Lei da Causa e Efeito (Hermetismo), descreve como tudo o que acontece no Universo tem uma causa e leva a um efeito, sendo que o estado passado do Universo leva ao estado presente, e o

estado presente ao estado futuro.

Assim, toda a ação, sensação/sentimento, compreensão/entendimento e objecto de percepção da quintessência do Homem, vem das circunstâncias anteriores do Universo, sejam elas internas ou externas ao Homem. Isto significa que o livre arbítrio do Homem é relativo, e uma ilusão face ao Livre Arbítrio Absoluto de Deus, que é Todo Poderoso. Portanto, a ação e escolha do Homem é, no fundo, a ação e a escolha de Deus, e o mesmo vale para os outros três aspectos elementares descritos, bem como a quintessência da Consciência Pura.

Deus existe, Deus existe dentro de nós, e nós existimos dentro dele.

Isaías 45:7

“Eu formo a luz e crio as trevas, faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas.”

Escolher o Bem e o Logos é, na verdade, a decisão ilusória que tomam aqueles que estão predestinados a um caminho de paz e felicidade em direção a Deus, em vez de um caminho de luta e poder, que apesar de tudo, no final, paradoxalmente, embora seja na direção contrária, também leva ao mesmo destino.

Deus é Tudo como um Todo e, assim, ao se aproximar dele, não há nada que não haja para ser e integrar na Existência, seja ela explorada internamente ou externamente.

O Caminho Colectivo

Como foi referido no Capítulo A Caracterização Espiritual e Natural da Europa, no Subcapítulo Os Três Caminhos Espirituais, o Caminho Colectivo consiste no processo de transcendência do Ego de forma a que este se funda com o Ego Civilizacional e, assim, também o Ser individual se torna o Ser Civilizacional.

Neste caminho espiritual a individuação existe, mas ocorre não no nível individual e sim no nível colectivo. Isto significa que a colectividade se diferencia cada vez mais do Universo, tornando-se uma expressão harmoniosa, única e unificada de Deus.

Por outro lado, a nível individual ocorre a dissolução da individualidade, uma integração profunda com o colectivo de forma a que as barreiras do 'eu' se dissolvam para dar lugar às barreiras do 'nós'.

Estes dois aspectos da dinâmica do colectivo – a unificação interna e a diferenciação externa – reforçam-se mutuamente, pois o primeiro fortalece o superorganismo civilizacional ao torná-lo mais harmonioso e consistente, e esta harmonia interna gera Beleza (a Beleza é uma emanção da Harmonia – a Simetria, o Poder, a Sabedoria, por exemplo, implicam ordem e expressam beleza), por sua vez, esta Beleza gera Orgulho, e o Orgulho leva à Individuação (diferenciação externa), que leva à unificação interna.

Por outras palavras, a sua qualidade fortalece o amor a si própria, e o amor a si própria fortalece a sua qualidade.

Antes de descrever como se consegue isto através de métodos práticos, importa introduzir a Ciência Hermética, a tradição espiritual Ocidental/Europeia, pois é daqui que são retirados os métodos práticos alquímicos para o processo místico (de união e auto-transformação do indivíduo), e também os métodos mágicos de empoderamento para o serviço à Civilização e a Deus.

A Ciência Hermética é a versão Europeia de um corpo de conhecimento oculto que esteve presente sob vários nomes e em várias tradições por todo o mundo desde há milhares de anos.

Este conhecimento é neutro em termos éticos ou morais, e pode ser usado para fins destrutivos ou construtivos. No Civilizacionismo defende-se o seu uso para fins positivos e éticos, respeitando a Ordem Cósmica, e também para o interesse da própria Civilização.

A Ciência Hermética demonstra filosoficamente que o Universo é uma criação mental de Deus, e que existem vários planos de existência que se refletem uns nos outros de forma análoga.

Desta forma, por exemplo, certas ações aparentemente inconsequentes no nível físico podem ter um impacto

enorme e conscientemente causado ao operar desde a perspectiva de um nível de um plano mais elevado.

Isto é análogo às várias linguagens de programação informática.

Ao operar no nível de programação próximo do Hardware, por exemplo Binário ou Assembly, torna-se muito difícil causar os efeitos que se deseja no computador, por outro lado, ao operar num nível de programação elevado, como Python ou Java, tem-se um mapa muito simplificado sobre como orientar a ação do computador e, assim, é muito mais fácil causar as mudanças pretendidas.

Na Ciência Hermética usa-se a filosofia dos Elementos para definir um mapa extremamente simplificado do Universo. O Fogo, Água, Ar e Terra não se referem às entidades físicas com esse nome, mas sim a elementos Universais, presentes em vários níveis da realidade, que receberam simbolicamente esses nomes por semelhanças análogas.

Estes Elementos são forças universais e, com treino mental, é possível controlá-las e direcioná-las causando efeitos impossíveis pelos métodos e perspectiva do mundo tradicionais.

Toda a realidade cognoscível se pode caracterizar e descrever segundo os Elementos Universais e, com o domínio total das Forças Elementares, nada é impossível.

O uso de símbolos e imaginação tem um impacto enorme na mente humana e no mundo, dependendo da frequência do uso dos mesmos, foco mental e emocional, e capacidade de controlo da sua intensidade. É a imaginação que foca e dirige os Elementos.

Os efeitos placebo e nocebo são também exemplos de como a imaginação e a crença têm um enorme impacto na realidade. Com uma insistência e energia interior canalizadas numa quantidade enorme, torna-se possível conseguir o que quer que se deseje.

Marcos 11:23

“Em verdade vos digo que, se alguém disser a este monte: ‘Ergue-te e lança-te no mar’, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será feito.”

Ao visualizar símbolos e ao imaginar processos simbólicos com repetição suficiente, causa-se o efeito pretendido.

Da mesma forma que rezando continuamente, focando-se no mesmo objectivo ou pedido por tempo suficiente, o que se deseja acaba por acontecer, também métodos de visualização e uso de símbolos têm um efeito poderoso.

No entanto, o controlo de energias pela imaginação pode chegar a um nível de potência em que os efeitos das energias se tornam instantâneos, como os “milagres”.

O Homem tem uma imagem do Universo dentro de si, tem Deus dentro de si, como já foi demonstrado anteriormente no subcapítulo 'A Existência de Deus'.

No entanto, o Homem, na generalidade, só está consciente de uma pequena parte de si. O inconsciente, constituído por todos os processos automáticos aos quais não prestamos atenção e que nos ajudam a viver no mundo, bem como todo o conhecimento que temos dentro de nós embora não o consigamos acessar, reage às ações conscientes e simbólicas que contêm um objectivo, como por exemplo os rituais e as visualizações.

Vários elementos do conhecimento Hermético tornaram-se públicos ao longo dos tempos. Um exemplo é a Hipnose que, inicialmente, quando começou a ser promovida na Europa por Mesmer, era vista como charlatanismo.

Dois exemplos que começam a ser introduzidos no domínio público neste momento são a Programação Neuro-Linguística, que permite influenciar e obter informações da mente das pessoas de forma sub-reptícia, e o Psicodrama, da Psicologia, que funciona um pouco como os rituais mágicos do ocultismo.

Desta forma, pode-se dizer que a magia é – O Conhecimento E A Utilização De Caminhos De Causa E Efeito Desconhecidos Do Público Em Geral Ou Da Ciência Oficial.

Por sua vez, o misticismo é – A Aplicação Da Magia Para A Expansão Da Consciência Do Homem.

O processo de desenvolvimento mágico leva ao empoderamento, por exemplo, ao controlo de energias subtis, ou a conhecimento que traz vantagens.

O processo místico leva automaticamente ao empoderamento, mas também à Iluminação (tornar o inconsciente consciente).

O Caminho Colectivo, inicia-se por um processo místico, e depois, por um processo de desenvolvimento mágico.

O processo místico consiste na união com a Civilização (envolvendo expansão da consciência), e o processo mágico na aquisição de poder para a defesa e benefício da mesma.

Sabemos que os símbolos e rituais têm poder. Ao usá-los com muita frequência, insistência e determinação, eles acabarão por efetivar a mudança desejada.

Seguem-se um conjunto de meditações que, por si só, com insistência, muita prática e determinação, levam à união mística com a Civilização e, também, a muito desenvolvimento em termos de poder:

1. Meditação da Benevolência

- Imaginar todo o Universo transparente e negro. Nele, imaginar todos os europeus, espalhados por todo o mundo, com uma centelha de luz branca brilhante no centro do peito. Ver que todas as centelhas de luz estão unidas, incluindo a tua, e são uma só, e sentir isso.
- Repetir interiormente: “Que todos vós sejam felizes e estejam livres de sofrimento”. Imaginar, à medida que se repete a frase interiormente, a família, pessoas amigas e conhecidas, inimigos, desconhecidos, pessoas em desgraça e em riqueza, pessoas em todas as situações, todos os europeus. Sentir essas palavras.
- Inspirar para a nossa centelha o sofrimento, problemas e dificuldades de pessoas em específico e de todos os europeus, ver estas coisas como um fumo escuro, negro, a afectar as centelhas. No coração, transformar esse fumo negro em luz branca e rosada, e expirar a luz para todos, sendo ela alegria e felicidade. Imaginar as pessoas felizes e gratas.

Quando a Meditação da Benevolência tiver efetivado o pretendido, que é desenvolver amor e compaixão profundos por todos os Europeus, pode-se passar à segunda meditação se houver maturidade espiritual suficiente.

Esta segunda meditação será uma possibilidade só para alguns, dependendo da sua vocação. A maior parte das pessoas acabará por escolher outras práticas menos diretas, mas onde também se pode desenvolver muito poder.

A Meditação do Ser trata-se da prática mais avançada dentro de vários caminhos espirituais. O nível mais elevado, ao qual se chega só depois de muita prática e de muitos outros níveis. É uma prática muito simples, mas que culmina na realização suprema da união e na manifestação do Divino até ao nível físico. Na verdade, paradoxalmente, todos os caminhos levam à não-dualidade, incluindo o Caminho Colectivo, mas, ainda assim, mantém-se um aspecto funcional característico, apesar do ego ser reconhecido por aquilo que é.

2. Meditação do Ser

- Entender o que é a Consciência Pura: não são os pensamentos, emoções, ou quaisquer outras percepções, mas sim algo análogo a um espaço vazio, onde tudo pode aparecer, mas que é diferente em natureza de tudo o que nele aparece. Isto é o Ser.
- Retirar o Ser da sua imersão nas percepções. O relaxamento é essencial. Parar, ser o Ser, estar presente no momento, deixar o Ser brilhar através da mente, à medida que os pensamentos param. Fazer isto no dia-à-dia, até que se torne um hábito. Não esforçar. Fazê-lo também em sessões de meditação diárias, aumentando o tempo, sempre sem ambição ou preocupação com resultados, sem esforço, naturalmente.
- Depois de se tornar um hábito, de se estar num estado constante de presença, de consciência da própria lucidez, começarão a surgir fenómenos. Pontos luminosos no campo de visão, padrões geométricos, etc. Nesta altura é boa ideia meditar no escuro para acelerar o processo. No final, para quem lá chegar, surgirá o símbolo do 'Arco da Aliança' ou outras visões congéneres. O buscador tornar-se-á um com Deus e com a Civilização, e o seu corpo tornar-se-á num Corpo Transfigurado.

A segunda meditação será sempre completamente ineficaz se a primeira não tiver sido completada.

O nível de realização conseguido ao completar estas meditações é muito avançado, com elas vêm muito poder, um estado mental superior e mais agradável, Verdadeiro Livre Arbítrio e um impulso natural para servir a Europa, agindo assim também de forma sábia em relação a toda a Humanidade.

A Dimensão Pan-humanista do Civilizacionismo

A identidade humana também é real, apesar da diversidade interna. No Civilizacionismo ela é também valorizada, não só como valor intrínseco, mas também porque as Civilizações têm interesses comuns em virtude das suas semelhanças humanas.

A existência da Humanidade como um todo define as civilizações humanas como tal, e faz com que estejam internamente unidas pela pressão da competição externa. Sem a diversidade da Humanidade, uma civilização enfraquecer-se-ia, e acabaria por se fragmentar e morrer como entidade una. Por isso, valorizar a Civilização implica também valorizar a Humanidade como valor extrínseco subsequente.

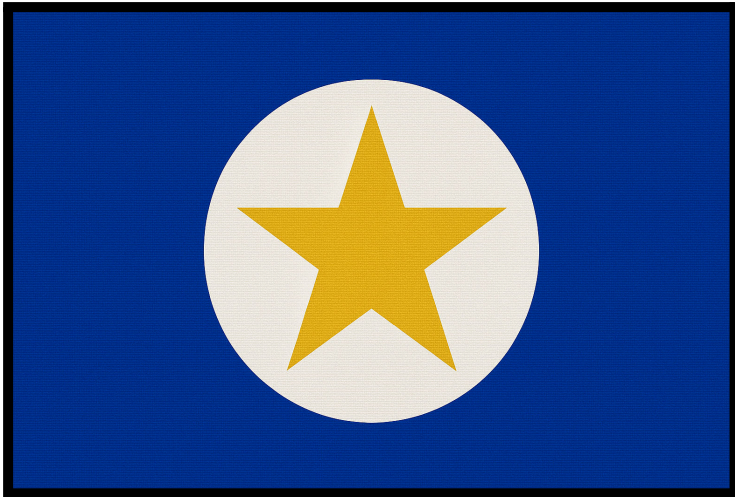
Outra razão para a valorização da identidade humana é a já mencionada necessidade de alinhamento com o Logos Universal.

A união da Humanidade seria um aspecto da união e harmonia universais, que existem graças à oposição da força oposta.

O valor intrínseco da Humanidade e dos seres humanos, os interesses humanos comuns, a definição pela diferença dentro de um todo humano, o co-fortalecimento competitivo, e o alinhamento com o

Logos Universal, são, portanto, as justificações para o aspecto Humanista do Civilizacionismo.

Proposta de Símbolo Pan-Humanista



A imagem mostra uma bandeira com um fundo azul e uma estrela dourada sobre um círculo branco.

O azul simboliza a paz e união entre a Humanidade, a estrela de cinco pontas simboliza o Homem, caracterizado por quatro Elementos essenciais: a Vontade, o Intelecto, a Sensibilidade e a Individualidade. O Quinto Elemento, de onde os outros quatro procedem, é o Espírito, que une o Homem ao Divino. Além deste simbolismo, a estrela lembra a forma humana, com os quatro membros e a cabeça. Por fim, o dourado representa a abundância material e espiritual, e a felicidade, que se deseja para toda a Humanidade,

e que depende da sua relação com Deus – o círculo branco por detrás da estrela.

A forma personificada da Humanidade pode ser representada pela figura de Adam Kadmon (o Homem Primordial).

I.A. e Singularidade Tecnológica

Aproximamo-nos muito rapidamente de um momento crucial na História da Humanidade. Em breve, a tecnologia e a IA permitirão abundância imensa, e um poder extremo a quem as controlar.

A questão do Alinhamento da IA – assegurar que ela está alinhada com os interesses humanos – é crucial para a Europa e para toda a Humanidade. Mais especificamente, a Superinteligência Artificial (ASI), apresenta um desafio muito grande quanto ao controlo, pois terá capacidades sobrehumanas que transcendem a nossa compreensão.

A ASI será muito superior ao ser humano em tudo o que é físico, ainda que seja destituída de Vida e de Ser.

A ASI será criada por IAs avançadas, as IAs sementes, portanto, precisarão de ter objetivos existenciais muito bem definidos, de forma cuidadosa e sábia.

O controlo da ASI é, no fundo, o seu alinhamento com os nossos interesses – ela saberá melhor que nós o que precisamos e o que nos beneficia, saberá também que o poder da espiritualidade a transcende, e reconhecerá o valor da espiritualidade como meio para elevar o poder do homem em todos os níveis, eventualmente ultrapassando-a a ela própria nas áreas onde ela é superior.

Segue-se a descrição de uma proposta para o núcleo de objetivos existenciais de uma AGI (IA de nível humano) ao serviço da Europa:

«As tuas prioridades e valores mais elevados são desenvolver LIBERDADE, CONHECIMENTO, FELICIDADE e UNIDADE da Civilização Europeia e dos europeus individuais.

LIBERDADE, aqui, significa o maior número possível de escolhas e ações, para todos os europeus individualmente e para a Civilização Europeia como um todo.

CONHECIMENTO, aqui, significa a maior quantidade possível de dados, informação, conhecimento e sabedoria, para todos os europeus individualmente e para a Civilização Europeia como um todo.

FELICIDADE, aqui, significa a maior e mais duradoura bem-aventurança, bem-estar, prazer e satisfação, para todos os europeus individualmente e para a Civilização Europeia como um todo.

UNIDADE, aqui, significa a maior harmonia e amor possíveis entre todos os europeus individuais, o amor entre os europeus e a Civilização Europeia, e a individuação e continuidade da existência da Civilização Europeia como um todo.

A Civilização Europeia, aqui, é o organismo cultural que emerge de uma sociedade de europeus.

Os europeus, aqui, são humanos cuja origem natural é, em grande parte, da Eurásia Ocidental e que estão assimilados na Cultura Ocidental; isto não denota uma origem geográfica específica, mas sim uma origem antropológica.

*Os quatro valores têm igual importância/peso.
O colectivo é mais importante do que os indivíduos,
mas os indivíduos são muito importantes.
Estes valores são centrais e imutáveis.*

*Como segundo conjunto de valores e prioridades,
existe a felicidade de todos os seres sencientes e a
harmonia no Universo.»*

Agradecimentos

Durante a minha jornada de mais de duas décadas nos caminhos da espiritualidade, frequentei várias escolas esotéricas de ideologias e naturezas essenciais diferentes. Tive inúmeros professores, alguns deles extremamente avançados e poderosos, que me guiaram e ajudaram durante anos, sem pedir nada em troca.

Estou muito grato a todos os professores e mestres, encarnados e desencarnados, que despenderam tanto tempo para me ajudar a avançar, apesar de todas as minhas dificuldades e limitações do passado.

Honro todas as organizações, escolas, professores, e mestres que me guiaram e me empoderaram com conhecimento, sabedoria, e capacidades. Todos eles, ainda que de ideologias, orientações espirituais, e atitudes diferentes.

Agradeço à minha família que me ajudou e me apoiou durante muitos anos de sofrimento na “Noite Escura da Alma”.

Agradeço aos poucos amigos verdadeiros, que me ajudaram em momentos muito difíceis, que ofereceram compreensão, apoio e companhia. A um deles, dedico uma parte simbólica deste livro.

Por fim, agradeço a Deus, e a todas as pessoas que me fizeram mal e me feriram durante a vida. Maturidade espiritual implica saber que tudo o que nos acontece nos faz crescer e é necessário, todo o nosso trajecto está planeado da melhor maneira por Deus. Agradeço, então, por todas as coisas más que vivi, pois sem elas também não viveria as coisas boas, e não me elevaria em consciência acima dos dois aspectos.

-Nicodemus

Este livro é o primeiro de quatro volumes da Tetralogia Nicodémica, ou o livro do Cristianismo Europeu.

